

Fotos: Marcelo Ferreira CB/DA Press



A jornalista do Correio Mariana Niederauer intermediou o bate-papo com os especialistas em educação

O cuidado com as crianças e com tudo o que diz respeito ao ambiente escolar foi o foco do debate no **CB Talks** — Além do algoritmo: a educação no mundo digital, promovido ontem pelo Correio

Uma ESCOLA para se orgulhar

» GIOVANNA SFALSIN
» RAPHAELA PEIXOTO

Os pontos relevantes a se levar em consideração na decisão sobre onde matricular o filho foram o foco do debate no **CB Talks** — Além do algoritmo: a educação no mundo digital, na tarde de ontem, no auditório do **Correio Braziliense**. Especialistas na área discutiram sobre tecnologia, primeira infância e cuidados com a saúde mental no ambiente escolar.

A pediatra Marilucia Picanço, professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB) e membro do Departamento Científico de Adolescente da Sociedade de Pediatria do DF (SPDF), destacou a importância da primeira infância para o desenvolvimento e fez um alerta sobre o uso excessivo de telas por crianças.

Segundo a especialista, o contato com o mundo digital deve ser mediado e limitado, especialmente nos primeiros anos de vida. “Crianças não devem utilizar as telas. O bebê nasce com poucas células cerebrais e, ao longo do tempo, isso vai sendo formado. Nesse contexto, a criança precisa trabalhar com o concreto, com o que vê, com o que toca. Essa interação interpessoal é fundamental para a formação da memória, do conhecimento e da história de vida, para ser um adulto funcional, participativo e cidadão”, afirma.

Para ela, a primeira infância “é o começo de tudo” e exige atenção redobrada de pais, professores e pediatras. “Vivemos em um mundo onde a vida digital e os algoritmos estão no nosso dia a dia, no que consumimos e no que vemos. Nesse contexto, será que podemos deixar que eles decidam também pela escola dos nossos filhos?”, indagou.

Marilucia acredita que a premissa na hora de escolher uma instituição deve ser pensar que tipo de cidadão se deseja formar. Para isso, mais do que números e métricas, é preciso olhar o projeto pedagógico, os valores transmitidos e a qualidade das relações humanas. Ela ainda reconhece que a tecnologia pode oferecer benefícios, como o maior acesso à informação, além de estímulo à inovação no setor educacional.

Primeira infância

A reflexão sobre a primeira infância foi outro ponto importante do debate, e a professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Juliana Prates ressaltou



“A criança precisa trabalhar com o concreto, com o que vê, com o que toca. Essa interação interpessoal é fundamental para a formação da memória, do conhecimento e da história de vida”
Marilucia Picanço,
pediatra e professora da UnB



“O aluno precisa ser protagonista da sua própria aprendizagem. Não pode haver silêncio diante do bullying, é preciso criar espaços de discussão e metodologias ativas que aproximem a escola das experiências reais dos estudantes”
Ricardo Fragelli, professor da UnB



“A melhor escola é a que acolhe os nossos filhos e as famílias, que permite a inclusão e a diversidade. Além disso, é importante considerar que não é suficiente escolher a escola dos nossos filhos. Precisamos defender o direito à educação para todas as crianças”
Juliana Prates, psicóloga e professora da UFBA

que a visão de que a educação infantil é apenas uma “preparação para a vida adulta” está superada. Para a especialista, a lógica de investir nas crianças apenas porque elas “vão se tornar alguém no futuro” precisa ser substituída pela compreensão de que “a criança é o melhor que temos no presente”.

Juliana Prates ressaltou que as crianças devem ser reconhecidas como indivíduos completos, que necessitam de um ambiente educacional de qualidade, acolhedor e estimulante. A especialista também chamou atenção para a importância da escolha da escola, que não é trivial. “Acho que a melhor escola é a que acolhe os nossos filhos e as famílias, que permite a inclusão e a diversidade. Além disso, é importante considerar que não é suficiente escolher a escola dos nossos filhos exclusivamente. A gente precisa defender o direito à educação para todas as crianças”, alertou.

A ideia do Jardim de Infância, que tratava as crianças como sementes e, por isso, precisavam de um espaço onde seriam regadas e cuidadas ficou no passado. “Ela cai por terra, porque a gente não



Aponte a câmera do smartphone para o QR Code e assista à íntegra do **CB Talks Escolha a escola do seu filho**

entende só que as crianças são sementes, elas já são pessoas inteiras, plenas e, por isso, merecem um espaço de qualidade, que seja acolhedor, desafiador e que amplie horizontes”, afirma Juliana.

A psicóloga destacou ainda a relevância da Política Nacional da Primeira Infância (PNPI), que enfatiza a urgência de investir e monitorar essa etapa crucial do desenvolvimento. “A PNPI reforça a necessidade de recursos, investimentos sociais, políticos e afetivos dedicados à primeira infância”, explica.

A política joga luz, ainda, ao cuidado com quem cuida das crianças, seja no ambiente familiar, seja no escolar. “Cuidar da primeira infância implica cuidar daqueles que cuidam das crianças. Na escola, isso significa valorizar e apoiar professores e educadores, que

são fundamentais para o desenvolvimento infantil”, defende.

Papel da educação

Último a se apresentar na etapa de falas iniciais, o professor Ricardo Fragelli, doutor em ciências mecânicas e professor adjunto da UnB nos cursos de engenharia, do mestrado profissional em matemática e do Programa de Pós-Graduação em Design, destacou ser essencial que a escola estimule a curiosidade e a criatividade das crianças.

“Quando vejo um adulto que não gosta de matemática, de geografia, que não gosta de ler, eu vejo uma criança que foi roubada de boa parte da ciência. Quando entramos na escola, somos seres repletos de curiosidade, cheios de porquês. Mas em algum momento a escola achata essa curiosidade e rouba os nossos porquês. Hoje, quero falar sobre a escola que não nos rouba essas questões”, afirma. Segundo ele, o ensino precisa dialogar com os interesses dos estudantes. “Precisamos dar liberdade para a criança e o adolescente aprenderem também sobre o que gostam.”

Fragelli também abordou a necessidade de enfrentar o bullying com estratégias de diálogo e de inovação. Ele coordena um grupo internacional de pesquisadores que desenvolveu o Mapa do Bullying no DF (Bullying Map), capaz de identificar diferenças regionais por meio da análise de palavras-chave em depoimentos de estudantes. Ao **Correio**, ele disse que o objetivo é expandir o projeto para todo o Brasil.

“O aluno precisa ser protagonista da sua própria aprendizagem. Não pode haver silêncio diante do bullying, é preciso criar espaços de discussão e metodologias ativas que aproximem a escola das experiências reais dos estudantes”, reforça.

O **CB Talks** foi mediado pela editora do site do **Correio**, Mariana Niederauer, e encerra a 19ª edição do projeto Escolha a Escola do seu Filho, criado pelo jornal para apoiar pais e responsáveis na missão de escolher a instituição de ensino ideal. O especial completo, com conteúdo multimídia sobre as escolas parceiras e reportagens, está disponível no site especial.correio braziliense.com.br/escolhaaescola.